

QUAL A MELHOR FORMA DE INTERVENÇÃO ESCOLAR?

ESTRELAS E OURIÇOS



Nos dias de hoje, não é possível ver a escola considerando apenas o processo de ensino-aprendizagem ou as principais figuras de uma escola (Professor- Aluno).

A perspectiva de inclusão auxilia nesta visão mais abrangente e colaborativa que qualquer processo de educação deve ter, como forma de corresponder às várias necessidades e dificuldades sentidas numa escola. Até porque, com a escolaridade obrigatória até aos 18 anos de idade, a educação torna-se um processo complexo, extenso e que possui inúmeros condicionantes, bem como experiências e agentes associados.

A escola consagrou-se com uma instituição cuja especialização é ensinar. Esta especialização reparte-se por competências entre o saber fazer, o saber estar e o saber ser pessoa nesta sociedade. Este equilíbrio ultrapassa claramente a capacidade de saber ensinar e faz emergir a necessidade plena dos agentes principais de uma escola

procurarem a possibilidade de “beber” de outras áreas que agem e intervêm no desenvolvimento humano. Para além disso, uma escola aberta à sociedade e aos problemas reais da mesma, justifica claramente esta relação.

Claramente, quando pensamos em intervenção escolar, pensamos de imediato em algumas áreas de intervenção que se relacionam com a educação: Psicologia, Terapia da Fala, Psicomotricidade; Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Serviço Social, etc. Na maior parte dos casos, estas intervenções clínicas ocorrem em contexto clínico (hospitais, clínicas e consultórios), existindo assim uma separação física entre profissionais, que não ajuda a uma colaboração efetiva, com efeitos claros e rápidos nas crianças e jovens que recorrem a uma intervenção. Felizmente, cada vez mais as escolas e colégios apetrecham as suas equipas de profissionais das várias áreas assinaladas, de forma a responder à diversidade dos seus alunos e assim crescerem na sua capacidade de resposta na minimização das dificuldades sentidas.

Não sendo possível nenhuma das duas possibilidades referidas, denota-se hoje um movimento dos profissionais clínicos e uma abertura das escolas e colégios para acolher estes e desta forma e para que a intervenção seja feita em contexto escolar. A escola ganha a relação com um profissional que o ajudará a resolver situações-problema sentidas e o profissional ganha a riqueza de intervir em contexto escolar e a proximidade com os elementos diretos do processo de ensino-aprendizagem da criança/jovem.

Para qualquer profissional clínico, que exerça a sua prática em contexto escolar, há uma regra fundamental a ter: conhecer e respeitar o projeto pedagógico da entidade que o recebe. Com esta regra assimilada, a função do profissional inclui: 1 - enriquecer a intervenção com o conhecimento das teorias de desenvolvimento e da aprendizagem; 2 – envolver os pais/educadores/professores no processo de intervenção e esclarecer as dimensões de intervenção no processo de dificuldades implicadas e sinalizadas; 3 – colmatar possíveis problemas de interação existentes na escola/colégio e que acabam por estar a influenciar diretamente a criança/jovem.

Um constrangimento que poderá surgir de forma natural é a própria colaboração entre profissionais (desconsideração, receio ou intransigência). Jamais podemos esquecer a contribuição de todas as áreas para um contexto de significados do que é o ensino hoje, cruzando conhecimentos que possibilitem o enriquecimento e crescimento

enquanto profissional. Qualquer Professor pode aprender com qualquer Técnico de uma área clínica e qualquer Técnico poderá aprender com um Professor.

Ensinar pode significar mediar as crianças/jovens no descobrimento do mundo e na construção da sua pessoa nesse mundo. A máxima “juntos somos mais fortes”, faz todo o sentido nesta construção.

Nesta intervenção em contexto escolar acrescentam-se alguns princípios que podem aumentar o sucesso na escola: não existem fórmulas genéricas e pré-estabelecidas de intervenção em contexto escolar. Estas podem e devem ser diversificadas, consoante o contexto; separar claramente os momentos de intervenção com a criança/jovem e os momentos de ligação com elementos do colégio ou família; associar os objetivos da intervenção aos objetivos educativos existentes; ajustar a intervenção ao nível de ensino da criança/jovem; considerar as fases de desenvolvimento e as suas repercussões na criança/jovem e no contexto educativo; e, por fim, valorizar a figura titular do Educador/Professor como um elemento fundamental na transferência de estratégias de intervenção para o dia-a-dia e, assim, potenciar o sucesso da intervenção.

O respeito pelas áreas de formação, a colaboração e aprendizagem dos vários profissionais podem determinar os bons resultados de uma intervenção clínica em contexto escolar. é essencial ter em consideração que com esta possibilidade de intervenção, forma-se uma equipa de proximidade que pode, por isso, ter a “chave” do sucesso e do bem-estar pleno nas várias áreas de vida de uma criança/jovem.

Conteúdo desenvolvido por,

Nelson Afonso

Técnico Superior de Educação Especial e Reabilitação Psicomotora

nelson.afonso@pin.com.pt

